

Romance contemporâneo ou resquícios de uma crise mundial: pausa para uma reflexão

Prof. Dr. Elcy Luiz da Cruz

UPE

O que defino como contemporâneo? A crise mundial? A violência diária? O aquecimento global? A guerra contra o Iraque? A primeira ou a segunda? A primeira que foi batizada como guerra pós-moderna ou a segunda que era contra o terror, mas que teve como mote Sadan Hussein e possíveis armas de destruição em massa? As torres gêmeas? A copa do mundo de futebol? O pré-sal? Contemporâneo? Que cenário se apresenta como pano de fundo para a literatura? Quando começa e quando termina o contemporâneo? E por fim uma pergunta que parece óbvia: existe uma literatura contemporânea? Ou mais especificamente: existe um romance contemporâneo? E para ser contemporâneo o romance teria que se abastecer de temas e fatos atuais?

Não seria equívoco afirmar que nosso grande escritor contemporâneo foi Machado de Assis; ou mesmo se disséssemos que este grande autor seria Graciliano Ramos; também não cometeríamos nenhum absurdo se por acaso gritássemos é Guimarães Rosa ou mesmo Clarice Lispector.

Conjugamos o termo contemporâneo como aliado de atual. Ou seja, seria contemporânea toda obra que fosse atual. Prevaleceria a escritura desses autores. Seria obras a frente de seu tempo. Neste sentido compreenderíamos a atualidade desses autores e talvez haja certa unanimidade, mas não é desses autores que viemos falar e diríamos até é contra eles que viemos falar.

Não que tencionemos negá-los, mas o que buscamos é uma literatura de nossos dias, um romance que fale de um Brasil e de um mundo atual. Um endereço eletrônico, que pode ser imaginário, mas ao mesmo tempo possível em que o leitor possa acessar e ter acesso as informações sempre atualizadas a respeito do tema. Que tal uma discussão do tipo, mas até ontem você falava de outros romances. Mudou? Mas é tudo tão rápido. Este romance já não é aquele. E qual seria? Estava num *site* ou foi numa vitrine? E sumiu assim. Tinha um romance no meio do caminho. A personagem em Estorvo olha pelo olho mágico, mas não reconhece o que vê. Porque “não se vê o que é, vê-se o que não é: e, assim, o que não é, é; os pseudofatos proclamam a sua verdade” (MORIN, 1986).

“Navegar é preciso. Viver não é preciso”, diria certo Fernando Pessoa. Já antenado com o novo mundo ou o novo modelo de vida. Os mares nunca dantes navegados já não guardam mistérios como dragões. Os seus mistérios são outros, talvez mais fantásticos.

Disse certa vez Marx, olhando para o indomável mundo capitalista: “tudo que é sólido desmancha no ar”. Ficamos sem entender, até o momento em que Kafka se transformou num monstruoso inseto sob o véu indecifrável do frágil mundo que se construía. Embarcávamos numa sociedade que transformava tudo em mercadoria. E no mundo do fetiche mercadológico tudo não passava de uma ilusão. A frase de Marx parecia ampliar seus significados na voz de outros teóricos.

A era das ideologias encontrou sua extinção após a queda do muro de Berlim, ao menos é o que pensam Arbex e Tognoli. Segundo eles o que restou foi uma sensação de desamparo frente a um mundo cada vez mais instável¹. Mas parece que na soma dos quadrados esqueceram a margarina, a gasolina até as torres

¹ - (1996, p.17)

gêmeas caírem sobre nossas cabeças. Mas isso já faz onde anos. E os vinte anos de Ditadura? Essa conta parece que não vai fechar. Depois de passar vinte anos nas mãos de militares, atingimos a democracia, destituídos de seu significado. No mundo contemporâneo as lutas sociais se restringem a pequenos grupos (homossexuais, feministas, ecologistas, minorias étnicas, etc.) E eu que sou amarelo por ter nascido no litoral de Pernambuco.. As grandes causas, aos poucos, foram sendo substituídas pela necessidade do consumo. Passamos a viver o templo do consumo, do exercício da cidadania de celular em punho, da personalização da mercadoria, do endeusamento da imagem. Somos dominados pelo simulacro. Quantas vezes, ao nos referirmos a uma paisagem, dizemos: “parece um cartão postal!” Jean Baudrillard dá uma definição precisa para nosso tempo: “Ameaçadora é a liberdade de ser, mas inofensiva é a liberdade de possuir”². Se os direitos do cidadão não gozam de privilégios, ao menos vemos salvaguardados seus eletrodomésticos. Ou deixem os americanos respeitarem a religião de Bin Laden. Jogam ao mar. Não é Chico: “Madalena foi pro mar e eu fiquei a ver navios”.

O romance gênero instável e inovador acaba influenciado neste universo tão arredo a classificações. Poderíamos chamá-lo um anti-gênero. Seria filar Tom Zé criador de uma anti-música. Que deu nome a um anti-tropicalismo depois que Caetano se rendeu aos desejos de Fernando Mendes. Os conceitos tão característicos da pós-modernidade. Tudo isto em nada elucidaria nosso trabalho. Fiquemos quietos e tentemos facilitar o problema se é que ele existe. Para entendermos o mundo hoje talvez fosse mais fácil não entendê-lo. Mas desculpa de amarelo é comer barro. Não tenho nas mãos os holofotes da diversidade, trabalho

² - (apud Melo 1988, p.161).

mesmo é com literatura. Afora, sou um escritor com prazo de validade.

Já Jair Ferreira dos Santos diz que a condição pós-moderna se resume na dificuldade de sentir e representar o mundo onde se vive³. Mas este é um desafio a mais a literatura: ela precisa agora reciclar o código semântico (mas não foi isso o que a literatura sempre fez?). Talvez houvesse um desgaste semântico num mundo em que a imagem assume a função de mediadora (numa era de escassez) para a compreensão do novo.⁴

As conseqüências que se abatem sobre a realidade atingem as formas artísticas, gerando uma espécie de vazio. Há um processo dessemantizante, uma espécie de eco das palavras de Walter Benjamin sobre a desaturatização da arte. Se a produção foi responsável pela mecanização da vida, a reprodução (a clonagem) acabou com a magia.

Para Eduardo Subirats, o universo artístico é vazio porque a realidade é vazia. O que equivaleria dizer que a ficção pós-moderna (a literatura contemporânea pode ser chamada de pós-moderna?) põe em evidência a “crise” do mundo contemporâneo⁵. Mas por se colocar no contexto de seu tempo,

³ - (1986, p.110).

⁴ - Segundo Baudrillard, “estamos num gigantesco processo de revisionismo, não ideológico, mas a revisão da própria História, com pressa de terminá-la antes do fim do século. Será que na secreta esperança, com o novo milênio, de recomençar do zero?” (1996, p.106).

⁵ - O termo “crise” foi colocado aspeado para não ser taxado logo como uma definição para tudo o que acontece em nosso tempo, seja na ficção ou na própria sociedade. O que não quer dizer que o termo crise venha desprovido de seu teor negativo, já que partimos para este trabalho movidos também por um descontentamento com o mundo atual. Mundo que queremos mais humano. Segundo Edgar Morin, “a crise manifesta-se não só como fratura numa continuidade, perturbação num sistema até então aparentemente estável, mas também com o aumento das possibilidades e, portanto, das incertezas” (1986, p.317). Ainda segundo Morin “tudo neste mundo está em crise. Dizer ‘crise’ é

seria vazia? Se em Benjamin a aura se desfazia com a reprodução em série, o que dizer agora da obra literária, podendo ser acessada pela Internet? Pierre Lévy em seu livro *O Que é o Virtual?* (1996), fala na *desterritorialização* do texto. Segundo ele, no mundo digital, a distinção do original e da cópia há muito perdeu qualquer pertinência. O *ciberespaço* estaria misturando as noções de unidade, de identidade e de localização⁶. Mas o que nos assombra é que na noite escura dois homens numa moto sempre assusta. Não pare no cruzamento. Fique alerta porque marginais estão alertas. Uma torcida não precisa ir a campo ver futebol. É preciso atuar, intervir. Onde estará o futebol. O futebol acabou depois que o técnico virou professor. E que se dar bem nos gramados não significa ser atleta. Mas futebol não é uma caixinha de surpresas?

Guy Debord define nosso tempo como o do espetáculo, ele que se constitui como o principal veículo da economia de mercado: a principal produção da sociedade atual na qual já não estamos mais na fase do ter (o ter que havia degradado o ser) e sim do parecer⁷.

o mesmo que dizer, progressão das incertezas. O presente está se perdendo (...). Faz-se tudo, vive-se tudo a curto prazo (1986, p.328).

⁶ - Segundo o autor, o *ciberespaço* seria uma zona turbulenta de trânsito para signos vetorizados. (...) um espaço de comunicação navegável e transparente centrado nos fluxos de informação (ver págs. 46, 113,116,117). Pierre Lévy explica que nos meios de comunicação clássicos haveria um relacionamento (entre as partes envolvidas) do tipo UM-TODOS, o telefone teria uma comunicação recíproca do tipo UM-UM, enquanto que no ciberespaço (a Internet, maior exemplo) a relação é TODOS-TODOS. Há uma interação total, onde o indivíduo não só recebe a informação mas participa dando sua contribuição. Com relação ao *ciberespaço*, Arbex e Tognoli o definem como qualquer contato interativo envolvendo um espaço definido pelo computador: por exemplo, o espaço onde se desenvolve um diálogo entre dois usuários de computador através da rede Internet (1996, 44).

⁷ - (1997, p.14, 17 e 18).

A sociedade de consumo, conforme Debord, caracteriza-se pela imposição de “pseudonecessidades”, em que, movida pelas pseudorealizações da era do espetáculo, promove a própria falsificação da vida através da sedução das imagens⁸. Não se trata de literatura porque nesse caso o poeta não é um fingidor.

Paul Valéry define o homem deste século como aquele que não cultiva o que não pode ser abreviado⁹. Isso justificaria o fato da imagem se sobrepor ao texto? O que numa outra instância decretaria a morte do romance? Antes de ver o fim do romance Jô Soares foi além das palavras ao recrutar também fotos para construir sua narrativa em *O Homem que Matou Getúlio Vargas*.

Apesar da morte ter-se banalizado, nesta sociedade, assim como a vida, não estaria o romance com os dias contados. Pelo contrário, o romance nunca esteve tão vivo e pronto aos novos desafios. Ao menos é o que nos parece. Para Zygmunt Bauman, “vivemos em uma era líquida, ou um mundo líquido. A sociedade atual, onde as transformações são tão velozes que não permitem mais o estabelecimento de modelos ou tradições. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crença e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades”. Seria uma era do descartável. Ou seja, a voz de Marx do sólido que desmancha parece ganhar força. Até as torres gêmeas derreteram (recordam do grande espetáculo da nossa era?). E o que pensar do aquecimento global?

Preocupados com o mundo que parece estar com os dias contados, espero que isso seja só uma metáfora de mau gosto, o romance brasileiro contemporâneo resolveu investir no problema

⁸ - Afirma Debord: “Na imagem da feliz unificação da sociedade de consumo, a divisão real fica apenas *suspensa* até a próxima não-realização no consumível”. Segundo ele, cada produto adquirido seria uma espécie de atalho (esperança lançada) até o consumo total (que seria a terra prometida) (1997, p.46).

⁹ - (apud Benjamin 1994, p.206).

ou na solução. Esta condição apocalíptica é uma característica do romance contemporâneo? Será?

Primeiro resolvemos chamar de romance contemporâneo brasileiro o romance lançado a partir de 1990 (uma data didática, parodiando o romance de 1930 ou seja, o romance de 1990, mas não regionalista) até os dias recentes. Daí escolhemos alguns romances desse período. O critério de escolha de certa forma não foi aleatório já que procuramos obras em bibliotecas e livrarias. Obras de autores consagradas em sua maioria.

Lemos cerca de 50 obras e a partir da leitura procedemos a seguinte classificação: Havia obras que apresentava como contexto o cotidiano brasileiro, enquanto outras davam ênfase a História do Brasil. Neste caso, acreditamos que a influência está no fato de o país está comemorando seus 500 anos de “descobrimento”. Mas também ficou claro que mesmo as obras que abordavam o cotidiano pareciam buscar uma identidade do Brasil de hoje. Talvez isso seja óbvio, normal.

Ou seja, existia uma abordagem histórica, com ênfase na História do país, períodos diversos; existia uma abordagem do cotidiano, com ênfase na banalização da violência diária. Ou seja, O recurso historiográfico aparecia nas obras como uma espécie de revisão do passado, como se a literatura sentisse a necessidade de buscar sua identidade neste passado; e a intervenção do cotidiano como uma espécie de alteração do presente. Mas o que mais nos instigava é que em todas as obras havia uma espécie de surto do memorialismo. Era como se os romances, na contramão da sociedade líquida, tentasse salvar as marcas de um país e sua literatura. O caráter revisionista é bem característico de nosso mundo e da literatura que ele acolhe. Vejam os trechos a seguir:

“Diante da memória, sou mais cúmplice do que testemunha.”

(Quase Memória-1995)

“Minha memória sempre foi excelente e eu me lembrava de tudo.”

(Diário do farol-2002)

“Ando atijolado de memórias.”

(Estar sendo ter sido – 1997)

“Quando olho o Amazonas, a memória dispara.” *(Órfãos do Eldorado – 2008).*

O futuro parece ter se tornado uma peça de museu. Talvez seja isto o que esses romances querem nos dizer. As marcas do passado tentam encontrar as digitais do presente. Assim os romances nos colocam diante da violência das salas de torturas, memória de um país recente, ao mesmo tempo nos faz visitar a violência urbana, memória de um país do presente. Conforme as citações a seguir:

Ainda que viva cem, mil anos, não esquecerei aquele dia em que, deitado no leito miserável da cela B 17, a porta se abriu e dois soldados empurraram um corpo que logo se estatelou no chão de ladrilhos.” *(Romance sem palavras-(1999)*

“Armada de becos-bocas, sinistros-silêncios, com gritos-desesperos no correr das vielas e na indecisão das encruzilhadas.” *(Cidade de Deus- 1997)*

A partir dessa necessidade de construir a memória do passado e do presente, descobrimos que o romance contemporâneo brasileiro, na verdade, sonha viver o futuro como identidade de um país e de uma literatura que não tem pretensões de ser nacional. Até porque o nacional é parte da diversidade que o mundo exige. Talvez não se possa mais falar no meu país, mas

sim no nosso mundo. Taí o Rio Mais 20. Nova utopia. Tiremos a roupa pra protestar!

Assim classificamos o romance contemporâneo brasileiro em duas vertentes: a) a invenção da história; b) a invenção do cotidiano. Ambos tencionam salvar o país e a literatura do terror de uma sociedade que tende a desaparecer. Um mundo liquidado e sem registro. O medo iminente dos porões da ditadura e das queimas de arquivo. Como diria Policarpo Quaresma: “O Brasil não precisa ser descoberto, mas inventado”.

“Um país morreu para o Brasil nascer.”

(Lealdade -1997)

O trecho acima é de Márcio Sousa. Dados que o romance vai buscar na construção de seu enredo. O romance e sua ação anti-liquidez busca salvar o sonho de amanhã.

“Como disse Miguel Arraes em seu depoimento à Comissão Externa da Câmara dos Deputados, sobre as circunstâncias da morte de JK, ele tinha a convicção de que tanto JK como Jango e Lacerda foram assassinados. Quanto aos fatos, isso não era com ele, não competia a ele apurá-los.”

(O Beijo da morte – 2004)

Personagens históricos passeiam pelos romances como fantasmas ressuscitados de sua própria história. A interferência literária tenta sua versão sobre os fatos. A imensa necessidade de revelar, o imenso desejo de construir o passado. Não mais o medo

da repressão, mas o medo da não reconstituição (revisão). Daí a história desfila na passarela literária.

“Alzira pensara que a História redimira seu pai em 1950. Agora, naquele aflitivo agosto de 1954, em que pela primeira vez via o pai como um velho desencantado, um homem sem esperança; agora, ela tomava consciência da História como uma estúpida sucessão de acontecimentos aleatórios, um enredo inepto e incompreensível de falsidades, inferências fictícias, ilusões, povoado de fantasmas.”

(Agosto- 1990)

O romance põe o dedo nas diversas feridas do país. Do mesmo modo que percebe que a sociedade líquida põe uma sombra de banalização sobre os fatos cotidianos. O romance inventa o cotidiano como se dissesse não à violência.

“Poesia, minha tia, ilumine as certezas dos homens e os tons de minhas palavras. É que arrisco a prosa mesmo com balas atravessando os fonemas. É o verbo, aquele que é maior que o seu tamanho, que diz, faz e acontece. Aqui ele cambaleia baleado.(...) A palavra nasce no pensamento, desprende-se dos lábios adquirindo alma nos ouvidos, a às vezes essa magia sonora não salta à boca porque é engolida a seco. (...)Falha a fala. Fala a bala.” *(Cidade de Deus-1997)*

O som das balas interfere no som dos fonemas. Que som dará às palavras a medida certa dos acordes de uma realidade? Sem solução para a realidade a palavra se reinventa diante da representação do cotidiano.

“Matar, matar, matar... Verbo Transitivo exigindo objeto direto ensangüentado.”
(*Cidade de Deus*-1997)

“– O envolvimento é com tráfico de drogas. O comerciante mijou fora do caco, teve de ser queimado. Ou nunca ouviu falar em queima de arquivo?”
(*Vingança dos desvalidos*-2001)

A invenção do cotidiano é a invenção da própria literatura. A palavra, o material reciclável, ressemantiza o processo de representação da realidade. Estamos procurando o diálogo, na diversidade lingüística. Falamos o mesmo idioma, pelo menos o da metáfora. Ou seja, temos soluções para o mundo, ou ao menos sugestões para mudar nossa maneira de viver. Pichamos muro, rasgamos papéis, mas um imenso *iceberg* à deriva desliza suavemente sob o degelo. Se o símbolo do capitalismo veio a baixo: as indestrutíveis torres gêmeas: resta fazer da frase apocalíptica de Marx uma metáfora revisionista. O Rio mais 20 veio apenas lembrar que somos péssimos em revisão. Mas a literatura ao revelar sua crise reflete o vasto arsenal semântico de curá-la usando sua linguagem híbrida.

Referências bibliográficas:

ARBEX, José; TOGNOLI, Cláudio Júlio. *Mundo Pós-moderno*. São Paulo: Scipione, 1996..

BAUDRILLARD, J. *Simulacros e Simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

LÉVY, Pierre. *O Que é o Virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MORIN, Edgar. *Para Sair do Século XX*. Tradução Vera de Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O Que é o Pós-Modernismo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SUBIRATS, Eduardo. *Da Vanguarda ao Pós-Modernismo*. Tradução de Luiz Carlos Daher, Adélia Bezerra de Meneses e Beatriz Cannabrava. São Paulo: Nobel, 1991.

Alguns romances contemporâneos brasileiros:

CONY, C. *Romance sem palavras*. São Paulo: Cia. das letras, 1999.

_____. *Quase-memória*. São Paulo: Cia. das letras, 1995.

FONSECA, R. *Agosto*. São Paulo: Cia. das letras, 1990.

HILST, H. *Estar sendo ter sido*. São Paulo: Nankin, 1997.

LE MOS, G. *Vingança dos desvalidos*. Recife: Nossa livraria, 2002.

LINS, P. *Cidade de Deus*. São Paulo: Cia. das letras, 1997.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Diário do farol*. Rio de Janeiro: N. Fronteira, 2002.

SOUZA, M. *Lealdade*. São Paulo: Marco zero, 1997.

HATUM, M. *Órfãos do eldorado*. São Paulo: Cia. 2008.